

SER PARAGUAIO NO MATO GROSSO DO SUL: DA MIGRAÇÃO À CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE TRANSFRONTEIRIÇA

Marcos Leandro Mondardo¹

RESUMO: *As migrações em áreas de fronteira adquirem crescente relevância no mundo contemporâneo. No Brasil, particularmente o Mato Grosso do Sul, tem sua formação socioespacial vinculada à migração paraguaia. Este processo é aqui analisado sob a perspectiva neocolonial que leva em conta o conflito de identidades territoriais e a construção de novas territorialidades pelo trânsito cultural. Com isso, buscamos revelar esta identidade transfronteiriça no município de Dourados.*

PALAVRAS-CHAVE: migração paraguaia, fronteira, identidade, Mato Grosso do Sul.

BE PARAGUAYAN IN MATO GROSSO DO SUL: OF THEIR MIGRATION TO THE
BUILDING OF A CROSS-BORDER IDENTITY

ABSTRACT: *Migration in border areas acquire increasing relevance in the contemporary world. In Brazil, particularly the Mato Grosso do Sul, has your training linked sociospatial migration paraguayen. This process is analyzed here under the neocolonial perspective that takes into account the conflict of territorial identities and the construction of new territorialities by cultural traffic. With this, we prove this identity in the border city of Dourados.*

KEYWORDS: migration paraguayen, border, identity, Mato Grosso do Sul.

Nasci num país (“cheretã”, em guarani) chamado Fronteira. Sou fronteiriço autêntico, criado na linha do Rio Apa, no conceito geográfico.

(Brígido Ibanhes, “fronteiriço” e literato, Dourados, 22/04/2011).
Eu falo que o fronteiriço é essa mistura. Eu já ouvi até falar assim que tem o paraguaio, tem o brasileiro e tem o fronteiriço, que é uma mistura de tudo.

(Padre paraguaio Teodoro Benitez, Dourados, 20/12/2010).

E eu tenho visto assim, que a vinda dos paraguaios para o estado [do Mato Grosso do Sul] contribuiu muito para o desenvolvimento econômico, social. Também contribuiu muito à formação cultural

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense em 2012. Professor do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: marcosmondardo@yahoo.com.br

do estado, tá muito entrelaçado a cultura paraguaia com a cultura aqui local, isso tá enraizado. São contribuições que ficou isso, então tem essa marca da cultura paraguaia aqui no estado. (...) Muitos vieram aqui, criaram seus filhos, estão aí, são brasileiros, deixaram seus familiares lá. Então tem essa conexão, alguns familiares ficaram lá, veio filho, veio o pai e a mãe, e os novatos casaram por aqui e tal e criaram seus filhos. Então existe essa relação. Embora as famílias mais antigas, tradicional que vieram pra cá e ficaram, continuam mantendo essa cultura, as tradições. (Elizeu Rodriguez Cristaldo, presidente da Colônia Paraguaia em Dourados, 08/12/2010).

1. DE FRONTEIRAS E FRONTEIRIÇOS

Num tempo em que se houve recorrentemente falar que fenômenos associados à globalização produzem hibridizações e transculturações de identidades e territorialidades, verificamos que o estado do Mato Grosso do Sul, pela dinâmica histórica de conformação de seus limites territoriais com países como o Paraguai e a Bolívia, teve uma formação socioespacial marcada pelo entrelaçamento de culturas, nas trajetórias de múltiplos sujeitos. Isso possibilitou a construção de uma identidade “transfronteiriça”, num movimento de trânsito material e simbólico, pois do lado brasileiro, muitos paraguaios se reterritorializaram e incorporaram ao território elementos de sua cultura, das suas experiências e vivências, numa trama construída por inúmeras redes econômicas, políticas e culturais.

O “fronteiriço” e literato Brígido Ibanhes, hoje, morador do município de Dourados, demonstra a sua identificação com a zona de fronteira entre Brasil e Paraguai. A trajetória de vida do Padre paraguaio Teodoro, radicado em Dourados, também experimenta esse trânsito transterritorial, esse corpo atravessado/marcado/dividido pela fronteira, ora “paraguaio”, ora “brasileiro”, que parece ter elaborado uma identidade híbrida que tem sua potência e força vital pela “mistura”, nas mesclas e trocas culturais definidas como fronteiriças, pois “tem o paraguaio, tem o brasileiro e tem o fronteiriço, que é uma mistura de tudo”, como o próprio migrante paraguaio ressaltou.

Desde o final do século XIX, com o fim da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), os paraguaios estão presentes nessa extensa zona de fronteira

do Brasil com o Paraguai. A formação do Estado brasileiro, nesse lugar, conviveu sempre de perto com a presença do Outro, do estrangeiro, do estranho, do vizinho, “do irmão”, num jogo que foi ora incorporando-o, ora afastando-o, ora negando-o, na construção do território e da identidade nacionais. Podemos até dizer que neste pedaço de chão, a cultura paraguaia participa de maneira ativa, embora nem sempre reconhecida pelo processo de ocultamento do Outro, na construção da identidade brasileira.

Como se verifica no segundo trecho que abre este item de uma entrevista realizada com o então presidente da Colônia paraguaia em Dourados, o estado de Mato Grosso do Sul tem uma formação territorial marcada deste grupo social. Em Dourados é relativamente perceptível nos hábitos culturais, na economia, na política e na vida social em sentido amplo, a influência dos migrantes paraguaios e de seus descendentes nas tradições, nas cores, nas músicas, nos cheiros, nas comidas, na língua, na religiosidade, nos costumes e nas visões de mundo que elaboram e formam essa identidade e territorialidade “transfronteiriça”.

O Mato Grosso do Sul é o estado brasileiro com a maior presença de paraguaios. Albuquerque (2010) utilizando-se de dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, afirma que moram no estado cerca de 80 mil paraguaios. Já, segundo estimativas, ainda que imprecisas, da Colônia Paraguaia no Mato Grosso do Sul, residem em torno de 300 mil paraguaios e descendentes no estado, sendo que destes, pelo menos 80 mil estão em Campo Grande e 50 mil em Dourados.

No “pedaço mais paraguaio do Brasil” estão espalhadas inúmeras colônias de imigrantes paraguaios. Dos doze municípios brasileiros que fazem fronteira com o país vizinho, a cultura paraguaia, pode-se dizer, é muito representativa da identidade do território sul-matogrossense. No ano de 2001, por exemplo, foi instituído, no Mato Grosso do Sul, por meio da Lei Estadual nº 2.235, o Dia do Povo Paraguaio, comemorado em 14 de maio, mesmo dia da independência do Paraguai.

O artigo, nesse sentido, que apresentamos aqui, é parte de nossa tese de doutorado, defendida em dezembro de 2012, junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, em que analisamos, dentre outros aspectos, a presença paraguaia no Mato

Grosso do Sul e a construção de uma identidade transfronteiriça.² Nosso objetivo, assim, é analisar como é produzida uma identidade territorial no universo empírico da fronteira entre Brasil e Paraguai por meio da reterritorialização de migrantes paraguaios no município de Dourados.

Para a realização deste estudo operacionalizamos um levantamento bibliográfico e documental sobre a presença paraguaia no Brasil, especialmente, no Mato Grosso do Sul, realizamos entrevistas com migrantes paraguaios em Dourados, e coletamos dados e informações junto a jornais regionais e nacionais, além do imprescindível aprofundamento teórico-conceitual em torno das ferramentas-chave de fronteira, migração e identidade.

Assim, a seguir, analisamos o contexto da reterritorialização paraguaia, como se desenvolve esse sentimento/identificação territorial de ser paraguaio no Mato Grosso do Sul e como se constrói essa identidade transfronteiriça.

2. FRONTEIRA E IDENTIDADE

Em nosso estudo revela-se pertinente compreender dois processos associados: a migração transfronteiriça e a reelaboração das identidades culturais/territoriais. É importante discutirmos a relevância da identidade cultural e, fundamentalmente, da identidade territorial enquanto dimensão espacial que envolve os processos migratórios transfronteiriços. Entendemos, com isso, o migrante como um sujeito múltiplo e em trânsito socioespacial (SAYAD, 1998), vendo sua mobilidade condicionada não apenas ao elemento econômico, ou político, mas, também, envolvida em processos de transculturações, identificação e pertencimento.

O jogo complexo e multifacetado de identidades está associado, assim, à transformação do território, em nosso caso, da zona de fronteira entre Brasil e Paraguai, e particularmente, do município de Dourados. A

² Trata-se da tese intitulada "*Conflitos territoriais entre Guaranis-Kaiowás, paraguaios e "gaúchos": a produção de novas territorialidades no Mato Grosso do Sul*". Destaca-se, principalmente, o capítulo 3, item "3.2 A fronteira dilatada: a presença paraguaia no Mato Grosso do Sul", e o capítulo 4, item "4.1 Territórios sobrepostos, identidades entrecruzadas: trânsitos, negociações e múltiplas vivências" em que realizamos essa discussão.

fronteira, nesse sentido, diz respeito à realidade empírica deste trabalho, pois na medida em que nos debruçamos sobre a questão migratória dos paraguaios, verificamos a importância desse fenômeno em áreas como do sul do Mato Grosso do Sul.

Concebemos a fronteira, de acordo com Martins (1997), como a manifestação de um conflito, sendo, assim, “*essencialmente o lugar da alteridade*”. É o que faz dela uma espacialidade e uma temporalidade singular. É o lugar da descoberta do Outro, do encontro, do conflito e do desencontro de territorialidades, de visões de mundo que a tornam o limite do humano. Por significar conflito, fronteira se torna, segundo o autor, o lugar da alteridade, da mudança, “descoberta”, encontro, desencontro e *conflito* com o Outro. Esse conflito provocado ocorre pelas diferentes temporalidades (e territorialidades, poderíamos acrescentar), sejam elas de lugar, de Estado-nação, da História que entram em choque, que passam a coexistir e a conviver. É a questão da convivência da multiplicidade na fronteira.

Se a fronteira é onde se (des)encontram diferentes visões de mundo, sendo, por isso, o espaço da coexistência de múltiplas trajetórias, os migrantes paraguaios reelaboram suas identidades nesse espaço singular, reconstruindo, com isso, suas relações sociais nos processos de territorialização. A dominação econômica e o controle político do território mesmo que mínimo, como a casa, para os migrantes paraguaios em Dourados, suscita a reconstrução da identidade territorial pela afirmação, diferenciação, mais, concomitantemente, a mescla de elementos culturais e políticos com outras trajetórias, de brasileiros, por exemplo.

Por isso, as identidades devem ser estudadas, como sugere Hall (2003), em meio às relações de poder, construídas pela diferença e disjuntura. Nesse espaço cambiante da fronteira, é importante dizer que nem tudo está envolvido na relação das identidades híbridas, pois estão relacionados também processos de divisão, exclusão e afirmação da diferença. A complexidade dessa dinâmica revela processos de aproximação e de distanciamento, num jogo contraditório e ambivalente das identidades culturais em que os grupos sociais estabeleceram relações, por exemplo, conforme seus territórios.

Aí é importante considerar o papel das identidades territoriais que

partem de ou transpassam um território. Segundo Haesbaert (1997), a identidade territorial é uma modalidade de identidade social que dá sentido a uma relação de pertencimento e identificação de um grupo que tem por referência uma ou até mais escalas geográficas. Na interação e contraste entre os sujeitos ou grupos sociais, a identidade territorial é construída em processos de desterritorialização e reterritorialização, tendo, na base material uma fonte de significado e expressão cultural. O território é, assim, dotado de conteúdo social pelas geografias concretas e/ou imaginárias que são construídas historicamente.

3. A IMIGRAÇÃO PARAGUAIA PARA TERRAS SUL-MATOGROSSENSES

Pode causar estranheza, algumas vezes, ao caminhar pelas ruas de Dourados ou de outras cidades, especialmente fronteiriças com o Paraguai, como Ponta Porã, Bela Vista, Coronel Sapucaia, Aral Moreira, dentre outras, e sentir que se está no país vizinho devido às músicas, em que se destacam instrumentos como a arpa, nas comidas típicas como a chipa e a sopa paraguaia, vendidas em padarias e supermercados, nas bebidas como o tereré, na língua em que expressões em guarani são utilizadas, em situações do cotidiano, e nas conversas, principalmente, naquelas em que estejam envolvidos paraguaios e seus descendentes.

Essa cultura está corporificada na vida de uma parcela de moradores do Mato Grosso do Sul e entrelaçada, de certo modo, na economia e na política estadual. Podemos até dizer que o território sul-matogrossense é “abraçado” pelo Paraguai. Em Dourados é relativamente comum encontrar inúmeros carros com placas do país vizinho (destaca-se, nesse caso, o trânsito de fazendeiros brasileiros, residentes em Dourados, e que têm fazendas em cidades paraguaias).

A migração desses sujeitos para o lado brasileiro permitiu um fenômeno que estamos denominando de “alargamento da fronteira”, na medida em que o estrangeiro, o Outro, no caso o paraguaio, parece “carregar consigo partes do país vizinho” para o lado brasileiro. Existe até uma expressão recorrente utilizada por paraguaios no estado que representa

essa situação: “*Mato Grosso do Sul: o Paraguai é aqui*”³, ou em músicas como em *Sonhos Guaranis*, dos compositores Almir Sater e Paulo Simões, na qual se referem ao Mato Grosso do Sul como “*a fronteira em que o Brasil foi Paraguai*”, numa reivindicação histórica-geográfica em que os paraguaios reclamam por essa área, que um dia foi, segundo eles, pertencente ao território de seu país.⁴ Por isso, alguns paraguaios em Dourados nos disseram, embora, de modo exagerado, que “o sul-matogrossense é o brasileiro mais paraguaio do país”.

As fronteiras que no período da formação territorial do Brasil pretendiam ser bem delimitadas, claramente definidas, para a separação daquele que está dentro (o nacional) e o que está fora (o estrangeiro) nas áreas de fronteira, como vemos no Mato Grosso do Sul, foram, por esse mesmo contexto espaço-temporal de demarcação, se “misturando” (e/ou nunca afastaram “completamente” brasileiros e paraguaios). Nessa relação de ambiguidade, ora aproximando, ora distanciando, os sujeitos foram transculturando e transterritorializando elementos, sons, imagens, códigos, nesse trânsito de sujeitos, de culturas e de nacionalidades. Essa relação transfronteiriça contém um potencial enorme para a geração de novas identidades e territorialidades.

É importante esclarecer que a localização geográfica do que hoje se conhece como estado do Mato Grosso do Sul sempre foi alvo de disputas territoriais: no período colonial entre Portugal e Espanha, e mais tarde, entre Brasil e Paraguai. Por isso, quando nos referimos à presença paraguaia nessa região, temos que retomar o contexto do pós-guerra da Tríplice Aliança, quando esses migrantes vieram trabalhar na extração da erva-mate sob o

³ Existem alguns *blogs* na internet que difundem essa expressão e demonstram a presença ativa dos paraguaios e sua cultura no estado de Mato Grosso do Sul. Ver, por exemplo, www.overmundo.com.br/overblog/mato-grosso-do-sul-o-paraguai-e-aqui.

⁴Pode-se observar na letra da música *Sonhos guaranis* a rusga (ainda, hoje, existente) da Guerra da Tríplice Aliança com, por exemplo, a reivindicação territorial dos paraguaios, que não deve deixar de revelar que os paraguaios “vieram da fronteira onde o Brasil foi Paraguai”: “Mato Grosso encerra em sua própria terra, sonhos guaranis, por campos e serras a história enterra uma só raiz que aflora nas emoções, e o tempo faz cicatriz em mil canções, lembrando o que não se diz, Mato Grosso espera esquecer quisera. O som dos fuzis, se não fosse a guerra, quem sabe hoje era um outro país, amante das tradições de que me fiz aprendiz em mil paixões sabendo morrer feliz. *E cego é o coração que trai aquela voz primeira que de dentro sai e as vezes me deixa assim ao revelar que eu vim da fronteira onde o Brasil foi Paraguai*” (Almir Sater e Paulo Simões, [grifos nossos]).

domínio da Companhia Mate Laranjeira⁵, época em que as fronteiras entre Brasil e Paraguai ainda estavam sendo demarcadas, delimitadas e definidas como parte do fenômeno da formação dos Estados nacionais na América Latina.

Dourados situa-se, assim, na região de fronteira que foi historicamente epicentro de conflitos devido às disputas travadas entre variadas identidades e territorialidades que procuravam impor seus limites territoriais, físicos e simbólicos, à produção desse espaço. A modernidade ocidental tentou varrer do mapa nacional esse passado colonial. Tentou apagar e/ou ocultar as fronteiras, territórios e territorialidades inscritas pelo colonialismo. No entanto, hoje, mais do que nunca, esse resíduo irreduzível é trazido à luz para o desenvolvimento de políticas de inclusão híbridas e de convivência entre os povos, identidades, na construção de uma cidadania mais aberta e, quem sabe, “transfronteiriça” e “transnacional”, um pouco na direção das experiências latino-americanas do Estado plurinacional comunitário na Bolívia e o Estado plurinacional no Equador.

Em nosso caso específico, conhecer a trajetória de vida do migrante paraguaio é imprescindível para entender o desenho dessa territorialidade. As atividades predominantes ao longo do século XX foram desenvolvidas nessa região com a participação ativa destes migrantes, tanto na exploração e processamento da erva-mate, quanto na atividade pecuária, além das inúmeras prestações de serviços. A presença desses sujeitos foi, nesse sentido, marcante para a organização desse espaço, seja pelos elementos cultural-identitários incorporados e/ou na produção material nas principais atividades econômicas praticadas. Para demonstrar isso, se faz necessário resgatar os contextos em que foram desenhados territorialmente essa mobilidade.

⁵ É necessário lembrar que a Companhia Mate Laranjeira foi fundada do lado paraguaio, mais precisamente em Concepción, onde deu início ao recrutamento de paraguaios para o trabalho na indústria ervateira. Segundo Leal (1980, p. 225), “Nascida no Paraguai, a Matte Laranjeira (sic) tivera sua primeira sede na Vila de Concepción, só posteriormente transferida para a margem esquerda do Paraguai, na fazenda Três Barras, mais tarde batizada de Porto Murinho. Nesse lugar iniciava sua atividade de fornecedora de erva-mate às usinas de beneficiamento da associada argentina. E sempre conservava um certo e inexplicável ranço paraguaio que a fazia canalizar para o país vizinho”.

Terminada a Guerra da Tríplice Aliança o Paraguai ficou destruído. A miséria que assolou o país promoveu uma marcha de desterritorializados, especialmente do campo, em direção aos países vizinhos do Brasil e da Argentina. Boa parte migrava em busca de segurança, emprego e sobrevivência, pois, além das atividades produtivas e das plantações que foram destruídas, as terras passaram, nesse momento, para as mãos de grupos internacionais.

Os efeitos dessa desterritorialização foram muito perversos para os paraguaios que buscaram se reterritorializar – e de certo modo se “refugiar” – no Brasil. Segundo Corrêa (1997), após a Guerra da Tríplice Aliança, os paraguaios formaram o maior fluxo migratório para o extremo sul de Mato Grosso. A maioria fugia de um país destruído, do clima de insegurança política e econômica instaurada, da fome e da falta de garantia da própria existência haja vista os conflitos políticos internos deflagrados.

No século XX, em grande parte, as migrações de paraguaios para o Brasil estiveram atreladas a motivos econômicos e políticos. Conforme entrevista que realizamos com o paraguaio Elizeu Rodriguez Cristaldo, presidente da Colônia Paraguaia em Dourados, em 08/12/2010, em Dourados, a migração paraguaia para o Mato Grosso do Sul teve, pelo menos, três momentos: o primeiro, constituído logo após a Guerra da Tríplice Aliança e associado à atração exercida pela Companhia Mate Laranja; o segundo, promovido pelos conflitos políticos internos, em que se destaca, pelo lado trágico, a ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989); e, a terceira, com as políticas neoliberais que promoveram a modernização juntamente com a abertura/flexibilização das fronteiras do país ao mercado internacional, notadamente, para a Inglaterra e os EUA.

Nesse legado, “pesa” sobre a área onde nasceu Dourados uma geograficidade ligada à história do Paraguai desde o final do século XIX. Isso ocorreu devido a sua posição geográfica de proximidade com o país vizinho, pelos acontecimentos produzidos do lado paraguaio e, ainda, pela disputa no período colonial que envolveu Portugal e Espanha pela porção do espaço de fronteira sul-matogrossense. Na cronologia histórica, a área onde foi fundado o município de Dourados já pertenceu à Espanha, ao Paraguai, e após ter sido alvo de disputa na Guerra da Tríplice Aliança,

finalmente veio a ser definida e incorporada ao território brasileiro.⁶

Após a Guerra da Tríplice Aliança Dourados passou a receber migrantes paraguaios que viam nos ervais e nos campos de pastagens uma possibilidade de trabalho e sobrevivência. A primeira forma de inserção foi como força de trabalho nos ervais, especialmente, contratados como mão-de-obra pela Companhia Mate Laranjeira, ou como peões nas fazendas de pecuária que foram se expandindo, do lado brasileiro, na região de fronteira.

Só depois da Guerra da Tríplice Aliança é que o naco onde corresponde hoje ao estado de Mato Grosso do Sul teve alguma fixação de populações nacionais (“gaúchos” e paulistas, principalmente) para a produção ervateira na região dos atuais municípios de Dourados e Campo Grande (CORRÊA, 1995).

Nesse sentido, após o conflito, o Estado brasileiro passou a ver a necessidade efetiva e definitiva de integrar o Mato Grosso no mapa nacional brasileiro. A erva-mate e a pecuária foram para essa nova cartografia, as principais atividades econômicas propulsoras da colonização no sul do Mato Grosso. Dourados estava situada na zona dos ervais, no período de domínio da Companhia Mate Laranjeira, onde ocorreu o desenvolvimento econômico sob a égide da exploração do recurso natural.

Devido a um relativo isolamento da região Centro-Oeste em relação à região Sudeste, o centro econômico mais dinâmico do Brasil, o Mato Grosso e o município de Dourados construíram uma relação mais estreita com a região de fronteira, especialmente, com a capital do país vizinho, Assunção. Por isso, essa porção do espaço foi ganhando uma feição mais paraguaia do que outras regiões do país. Nesse movimento de des-re-territorialização dos paraguaios para o lado brasileiro, muitos foram se reterritorializando e tornando esse “território” até então disputado, numa porção do espaço que também, de certo modo, foi apropriada pelos

⁶ Sobre o surgimento de Dourados, Campestrini e Guimarães (1995, p. 130) consideram que “os primeiros habitantes de Dourados aí se estabeleceram a partir de 1884, formando o povoado de S. João Batista de Dourados (por estar próximo ao rio deste nome) que em 1900 já era paróquia. Em 1910, Marcelino Pires doou ao povoado uma área para ser estabelecido o patrimônio de Dourados, que em 1914 era elevado a distrito de paz; em 1935, a município; e em 1938 a cidade, integrando sempre a comarca de Ponta Porã. Em 1943 passou ao território federal de Ponta Porã, até a extinção deste, em 1946. Hoje é a segunda maior cidade do estado. A comarca de Dourados foi criada em 1946”.

migrantes paraguaios, mesmo que na condição de força de trabalho.

Muitos migraram para o lado brasileiro para trabalhar como peões ou agregados nas fazendas de gado que foram se constituindo, na “abertura” de áreas de mata para lavouras, na construção civil, como alfaiates, sapateiros e em funções domésticas como informou em entrevista o Padre paraguaio Teodoro Benitez (20/12/2010).

A fazenda Campanário, sede da Companhia Mate Laranjeira, hoje localizada no município de Laguna Carapã, atraía e aliciava os paraguaios, fazendo convergir para a região fluxos transfronteiriços desses migrantes. A empresa organizava, assim, o espaço regional com a convergência da força de trabalho paraguaia para a exploração da erva-mate.

A maior parte dos migrantes paraguaios que chegaram ao sul do Mato Grosso para trabalhar na companhia era da região norte do Paraguai e na sua maioria homens.⁷ As atividades desenvolvidas pela Companhia Mate Laranjeira alteraram, assim, a geografia da região devido às práticas de produção extensivas e exploratórias, ao domínio político do território, o controle exercido sobre as territorialidades, além do crescimento econômico da produção estreitamente vinculada com a expressiva arrecadação estadual e a formação de uma poderosa oligarquia regional (LEAL, 1980).

Embora com péssimas condições de trabalho, na maioria das vezes, análogo à condição de escravo, a maioria dos paraguaios que trabalhavam na empresa não retornava ao seu país, fixando residência no sul de Mato Grosso, devido às precárias condições no Paraguai, destruído após a Guerra da Tríplice Aliança. Como informou um paraguaio “muitos que aqui vieram não quiseram voltar, nem pra visitar os parentes, o lugar onde nasceu. Diziam ter medo, que não se sentiam seguros” (Paulo Vitor, Dourados, 19/02/2011).

Essa inserção, no entanto, não ocorreu sem conflitos de identidades-territorialidades. Ela foi bastante problemática devido às tensões que houve entre brasileiros e paraguaios. O migrante ou a migrante paraguaia ganhavam toda “sorte” de representações pejorativas, sendo responsáveis por quase toda “desordem” produzida na fronteira. Sobre eles recaíam as

⁷ A mão de obra empregada na extração da erva-mate também veio do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo.

representações pejorativas de “desconfiança”, da “indolência”, de “ser traçoeiro”, da “prostituição”. Sobre essas representações, um paraguaio informou que “o povo via o paraguaio com receio (...) meio desconfiado, ‘será que esses paraguaio é mesmo de confiança’, já ouvi falar que o paraguaio era muito traçoeiro”. Além disso, “a mulher paraguaia foi trazida muitas pra cá como prostituta. Vinha pra trabalhar, aí o filho do patrão abusava. Algumas donas de meretrícia também trouxeram uma coisa e foi pra outro” (Pedro Caniza, Dourados, 28/01/2012).

Para Leal (1980), nas áreas onde se constituem hoje os municípios de Bela Vista, Miranda, Nioaque e Dourados, por exemplo, os paraguaios eram acusados de frequentes furtos de gado nas fazendas. Mas, apesar de todas essas representações construídas em torno do migrante paraguaio, ele foi incorporado ao trabalho, no início do século XX, no Mato Grosso, como mineiro (carregador) nos ervais e peão nas fazendas de gado.

Lenharo (1986, p. 64) considera que a Companhia, além de barrar a entrada de posseiros em seu território, constituía uma fronteira que dificultava, de certo modo, à chegada de migrantes do Sul do Brasil. Se a exploração da erva-mate dificultava a formação de núcleos populacionais pelo controle exercido pela empresa, a atividade da pecuária, por ser extensiva, ocupava grandes extensões territoriais com o surgimento de fazendas, o que dificultava a colonização mais intensiva da área. Ao paraguaio só era atestado o “direito” de trabalhar nessas terras brasileiras como mão-de-obra.

Gressler e Swensson (1988, p. 27) defendem a ideia que a Mate Laranjeira, ao mesmo tempo em que estimulou a vinda da força de trabalho paraguaia para a região, retardou o povoamento pelo controle das terras que impedia a vinda de camponeses “gaúchos”. A sua área de domínio era de 60.000 km², chegando às barragens do Rio Paraguai, em Porto Murтинho, e do lado leste, até os limites do município de Bataguassu na divisão com o estado de São Paulo.

Nesse período, a região de fronteira, devido à pouca presença do Estado, transformou-se em “terra sem lei” com o surgimento do contrabando, o que é na maioria das vezes atribuído como sendo resultado do banditismo, do bandoleiro, da violência. Nos limites com o Paraguai,

no sul do Mato Grosso, o contrabando de mercadorias (até mesmo, de armas), o roubo de gado, se tornaram parte dos fluxos transfronteiriços entre os dois países.

Com o término da atuação da Companhia Mate Laranjeira, devido à criação da CAND, em 1943, um novo projeto geopolítico e econômico deu outro impulso à colonização. Mesmo sobre forte intervenção do Estado, durante o Governo de Getúlio Vargas, muitos migrantes paraguaios continuaram a se dirigir para a região, mas, desde então, para trabalhar como peões nas fazendas de pecuária e/ou da agricultura.

A ambiguidade da presença paraguaia é revelada por esses fatos na medida em que vinham para o Brasil, muitos migrantes que, ora se passavam por paraguaios, ora se diziam indígenas. Essa identidade transfronteiriça é apontada como um dos fatores utilizados estrategicamente pelos paraguaios em Dourados para conseguir trabalho, fugir das perseguições políticas e até se apropriar de terras na região.

Isso ocorreu devido a atmosfera gerada no Paraguai pela ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989) que ultrapassava as fronteiras nacionais e chegava até o Brasil. Por um longo tempo, muitos paraguaios negavam sua identidade paraguaia se passando, por vezes, estrategicamente como indígenas. Ressaltou um migrante que, “os próprios paraguaios se sentiam muito oprimidos, com medo de expor a sua identidade” (Alexandre Amaro, Dourados, 03/01/2012).

Além disso, falar a língua guarani publicamente era algo preocupante, pois além de ser visto como estrangeiro era um elemento de distinção e de identificação da nacionalidade paraguaia em solo brasileiro. Essa preocupação tinha suas razões. No período ditatorial, o governo brasileiro construiu um alinhamento com Stroessner, o que legitimava a procura por “comunistas” até mesmo fora do país. Tal fato criava um clima de temor entre os paraguaios no Mato Grosso do Sul. Negar, pois, a identidade era uma estratégia de sobrevivência e permanência no Brasil. Como pudemos identificar, existe, ainda hoje, em Dourados, ex-combatentes da Guerra do Chaco, da “Revolução” de 1947 e antigos trabalhadores da Companhia Mate Laranjeira.

Embora findado o clima de retaliações sofridas pelo Paraguai após a

Guerra da Tríplice Aliança, o quadro socioeconômico permaneceu instável e a falta de democracia continuou no desenrolar do século XX. Essas instabilidades territoriais foram motivos suficientes para um segundo momento de deslocamentos de paraguaios para os países limítrofes. As disputas políticas internas bastante acirradas, com perseguições e mortes dos adversários, demonstravam que a democracia não fora uma característica preponderante desse território. As classes hegemônicas, devido à luta pelo domínio da terra, promoveram uma série de perseguições violentas sobre seus opositores, disseminando um clima de insegurança política e instabilidade econômica no país (CHIAVENATTO, 1985). Disso resultou um segundo movimento migratório para a área onde se concebe hoje como o Mato Grosso do Sul.

Devido aos inúmeros problemas políticos vigentes no país, muitos paraguaios decidiram migrar para o Brasil em busca de refúgio e segurança, sendo que, por isso, a maioria se transferiu de forma ilegal. Essa entrada clandestina fez com que alguns de seus descendentes residentes no Mato Grosso do Sul e em Dourados não queiram, até hoje, revelar e/ou assumir perante a sociedade local suas raízes paraguaias.

Por isso, a “Revolução” de 1947 é emblemática dessas migrações geradas por motivos políticos. O conflito promoveu um intenso movimento de desterritorialização. Essa Guerra Civil que promoveu a ascensão dos *colorados* ao poder culminou em mais um conflito político que devastou o país. As instabilidades internas reproduziam um clima de insegurança, perseguições e conseqüentemente muitos paraguaios deixaram seu país em direção aos países vizinhos como o Brasil. Nesse sentido, podemos dizer que três motivos foram fundamentais para a migração paraguaia no início do século XX à área onde se formou o Mato Grosso do Sul: a falta de terras, de trabalho e a fuga devido às instabilidades econômicas e políticas no país de origem.

Foi desse contexto que se construiu o trânsito transfronteiriço da territorialidade paraguaia no Mato Grosso do Sul.

4. O TRÂNSITO TRANSFRONTEIRIÇO E A CONSTRUÇÃO DA TERRITORIALIDADE PARAGUAIA

Analisamos até aqui como o Mato Grosso do Sul foi articulado por muitas redes transfronteiriças, sejam elas culturais, políticas e econômicas. Pela sua posição periférica em relação à região Sudeste brasileira, seu espaço foi produzido por redes que transpassaram os limites entre os dois países. Isso promoveu, historicamente, certa dependência desse espaço regional em relação ao Paraguai.

Essas redes que ligavam o estado ao país vizinho transformaram a fronteira, além de espaço de trocas comerciais, num “território” de trânsito de pessoas, de intercâmbio e mesclas culturais. Nas inúmeras redes construídas foram sendo incorporadas línguas, etnias, costumes, culinária, representações e visões de mundo ao “território”. Esses elementos materiais e simbólicos foram elaborando uma “identidade híbrida”, uma mistura transfronteiriça, para além das fronteiras e dos territórios nacionais *entre* Brasil e Paraguai.

No entanto, muitas vezes a cultura paraguaia, pela força de sua reterritorialização nessa porção fronteiriça, ganhou contornos de negação da alteridade devido aos novos grupos que foram se territorializando, a exemplo dos “gaúchos”, e das ações do Estado no sentido da formação do território e da identidade nacionais que impuseram um processo de homogeneização cultural, uma espécie de expansão nacionalista “avessa a qualquer sujeito estrangeiro”. A negação da presença do Outro, da alteridade, em Dourados e na região, ocorreu no encontro e conflito entre culturas ditas nacionais e estrangeiras que tornavam obrigatória o movimento de “abrasileiramento” do território nacional.

Em Dourados existem espaços conquistados/apropriados para a convivência e a prática da cultura paraguaia como a Praça e a Associação Paraguaia. Espaços representativos da identidade cultural desse grupo social onde são celebradas missas, realizadas festas, organizadas reuniões políticas e encontros cotidianos para “jogar conversa fora” e beber tereré, pois, como ressaltou o Padre Teodoro “de ir lá [na Praça Paraguaia] conversar o guarani, de tirar um tempo pra roda de tereré, de poder escutar, de poder viver um

pouco a gratuidade da vida, que a vida não é só fazer coisas” (Dourados, 20/12/2010).

Na cidade de Dourados, um dos espaços de referência da identidade paraguaia é a Associação, Colônia ou Casa Paraguaia.⁸ As atividades desenvolvidas contribuem para que a comunidade paraguaia possa ter um lugar de encontro, de fortalecimento e representatividade da sua identidade coletiva, além de servir de base material e simbólica para as manifestações culturais tradicionais a exemplo das músicas, danças, comidas, bebidas, celebrações religiosas, dentre outros. Os participantes, por isso, reinventam constantemente sua identidade na medida em que revivem suas tradições e dialogam com o Outro, o brasileiro.

Além da Associação, outro “território” que representa a presença desses sujeitos em Dourados é a Praça Paraguaia. Fundada em 25 de abril de 1998 com a finalidade de homenagear a comunidade de imigrantes paraguaios e seus descendentes nesta cidade, este espaço destaca-se pela marca da religiosidade como elemento de afirmação da identidade. Como nos informou o Presidente da Associação Paraguaia em Dourados, “a Praça Paraguaia foi um ato de reconhecimento, um ato de um prefeito que na época tava administrando a cidade”. Foi criada em “homenagem assim aos paraguaios, aos paraguaios que vieram aqui há muito tempo” (Elizeu Rodriguez Cristaldo, Dourados, 08/12/2010).

A Praça Paraguaia se constitui, assim, no espaço onde se encontra a capela com a Virgem de Caacupê, padroeira do Paraguai, e os símbolos, como o tereré, além das cores do país que estão fixadas. Localiza-se em um dos bairros com o maior número de migrantes paraguaios, o Jardim

⁸ Segundo Pedro Caniza (28/01/2012) as mudanças de nomes da Associação Paraguaia estão associadas às disputas e rivalidades internas que foram criadas por certos grupos que se constituíram, seja pelas questões de representatividade da entidade, seja de ordem política (disputas de partidos políticos) como podemos observar nesse relato: “O grupo que não está na cabeça hoje, eles mexeram com a Colônia Paraguaia também, então eu acho que eles criaram certa rivalidade com o grupo que tá agora na Associação. Que também tem essa questão viu, entre os paraguaios, às vezes muitas rivalidades políticas e também luta pelo poder. Da Associação Paraguaia, da Colônia. É aquilo, é o querer ter o poder, é o querer ser mais importante. (...) eu acho que os próprios partidos políticos também dividem aí. Vixe Maria. Fulano é mais de esquerda. Esse da sapataria é mais da direita (...) essa briga ideológica com os partidos. [Também] a colônia, o querer dizer ‘fui eu que fiz, foi eu que construí’. ‘Nós que construímos aqui’. (...) Eu consigo dialogar com todo mundo, mas às vezes tem essas divergências.”

Itália.⁹A praça se tornou um espaço simbólico de referência identitária como nos explica o presidente da Colônia, “é uma referência, pra criar uma referência da cultura paraguaia. (...) nessa praça, tem a Capela Nossa Senhora de Cacupê”, pois “o paraguaio é um povo muito devoto à Santa, à Santa Caacupê como é a Nossa Senhora Aparecida no Brasil. Então é mais uma referência da religiosidade do paraguaio”. (Elizeu Rodriguez Cristaldo, Dourados, 08/12/2010).

A Praça Paraguaia é um espaço de referência identitária para os migrantes paraguaios e seus descendentes em Dourados e no Mato Grosso do Sul. Quem participa das atividades desenvolvidas pela Associação Paraguaia diz “ter orgulho e sentimento em ser paraguaio”, “ter amor à cultura”, a identidade, enfim, “é uma linguagem que fala ao coração” como nos disse um paraguaio. Quando perguntamos a um migrante paraguaio radicado em Dourados, o que representava para ele a Praça Paraguaia, disse que “aquele lugar tem uma força espiritual, cultural, algo místico que relembra uma realidade que eu vivi e que foi muito marcante, familiar, histórico”, se constituindo em referência territorial de sua identidade (trans)fronteiriça.

Na Praça Paraguaia a capela, as cores do Paraguai, as cuias de tereré e de chimarrão¹⁰ conjugados são geosímbolos que representam a presença paraguaia em Dourados e definem a identidade territorial desse grupo.

⁹ Elizeu explica ainda o porquê da concentração dos paraguaios nesse bairro em Dourados: “a princípio, sim, a maior parte está fixada no Jardim Itália. Por outro lado parece que é uma (...) foi uma contradição, Jardim Itália, não é os italianos que moram aqui, são os paraguaios. Mas por que jardim Itália? Porque tinha um italiano que morava na época, um dos fundadores dali, e ele que pegou várias partes do terreno ali e tal. Mas foi os paraguaios que passaram a residir em quantidade. Hoje não tem mais nenhum italiano ali. Mas aí é um bairro que (...) claro que hoje tem várias famílias paraguaias ali, mas não só paraguaios. É quem compõe a Grande Itália [um conjunto de bairros onde moram os paraguaios] que tem ali, é Jardim Independência, também tem paraguaio. Mas ali tá concentrado assim grande parte os paraguaios naquela região ali. E hoje como a cidade cresceu muito, vários pontos da cidade tem famílias paraguaias, vários pontos que eu conheço, vários lugares (Dourados, 08/12/2010).

¹⁰ Ao mesmo tempo em que os símbolos demonstram uma relação de aproximação e abertura entre os paraguaios e “gaúchos” em Dourados podemos, também, observar certa rivalidade de identidades revelada quando o paraguaio afirma que o monumento faz homenagem também aos “gaúchos”, embora a cuia de chimarrão “é uma referência praticamente nossa”, pois, “um monumento um pouco mais pra reafirmar, afirmar a nossa cultura de tereré. (...) Também, nós temos chimarrão porque o paraguaio também toma chimarrão, toma o mate, e o tereré. E também uma referência pros próprios gaúchos que estão por aqui também. Mas é uma referência praticamente nossa, a gente fez isso pra poder afirmar ali a nossa tradição, a nossa cultura” (Silvio Peres, Dourados, 15/12/2010).

Além disso, esses símbolos representam a “união entre os povos”, entre paraguaios e brasileiros, entre paraguaios e “gaúchos”, pois do “encontro dessas culturas”, desses “irmãos”, é necessário “construir um ambiente onde a gente possa conviver e onde todos vivam com dignidade” ressaltou o padre Teodoro Benitez (Dourados, 20/12/2010).

É importante lembrar nesse contexto de elaboração da identidade paraguaia que o Paraguai tem como marca o bilinguismo. Por isso, podemos verificar que por meio de processos de hibridizações e transculturações entre essas duas línguas, houve mesclas e trocas linguísticas em Dourados e no Mato Grosso do Sul, o que promoveu, de certo modo, o uso de um ou de outro (o uso estratégico), o uso “misturado” (muito comum), dependendo do “território” e da relação em que o sujeito está presente, mergulhado, transitando ou contornando. Como informou o paraguaio Silvio, “depende muitos com quem você fala aqui, usa mais o português é claro, mas mistura muito também, se estamos entre irmãos ou conhecidos daí usa o guarani ou o castelhanu” (Dourados, 15/12/2010).

Nessa direção, a cultura paraguaia, e especialmente, a língua guarani, é uma marca de resistência, de um lado, ao movimento arrasador da colonização no Paraguai, e de outro, uma marca de referência territorial, identificação e pertencimento dos migrantes paraguaios e seus descendentes no Mato Grosso do Sul. Ao mesmo tempo em que o espanhol buscou colonizar o idioma guarani, houve falas de oposição que negaram ou incorporaram o espanhol ao transformá-lo num “guarani espanholizado”. Essa mescla entre línguas pode ser verificada no uso “misturado” de que muitos migrantes paraguaios e seus descendentes utilizam ainda hoje em Dourados.

No entanto, se de um lado, a língua guarani é vinculada a várias comunidades indígenas do tronco tupi-guarani, com toda sua cosmologia, afetividade, expressividade e representatividade própria, e estaria ligada ao fenômeno da resistência, de outro lado, essa riqueza cultural é vista por aqueles sujeitos difusores do projeto eurocêntrico de modernização do Mato Grosso do Sul como um “obstáculo ao crescimento econômico”. Visto como representativo de um Paraguai arcaico e subdesenvolvido, ou, como nos disse um paraguaio, falar o idioma guarani é “vergonhoso, é

língua dos índios”, nessa comparação o espanhol (ou castelhano) aparece como sinônimo de progresso e civilização pela sua origem europeia. Nesse conflito de representações linguísticas e simbólicas, é que se forma o território paraguaio pelo bilinguismo e é o que marca a identidade dos migrantes paraguaios radicados em Dourados pelo trilinguismo.

No Brasil e no Mato Grosso do Sul, particularmente, o migrante paraguaio por falar o guarani é visto, por vezes, com preconceito e com inferioridade. No encontro com o português, ao mesmo tempo em que o brasileiro se apropriou de inúmeros elementos e traços linguísticos da língua guarani, inclusive pelos índios brasileiros oriundos do tronco tupi-guarani, mas, também, no processo de imposição do português na conformação da identidade e do território nacionais, foi sendo inferiorizado e estigmatizado como língua de pobre, de índio, de “bugre”, de mestiço e de estrangeiro.

Muitos imigrantes entrevistados informaram sobre o preconceito ou certa coibição em falar a língua guarani no Brasil. Podemos observar no trecho a seguir o típico relato da representação pejorativa, de “atraso” e negação da identidade do Outro: “O termo bugre é muito pejorativo, eu cansei de ouvir isso. Na primeira fase de minha história, quando eu cheguei à fronteira [Ponta Porã], eu tinha vergonha de ser paraguaio”(Padre Teodoro Benitez, Dourados, 20/12/2010).

Os paraguaios entrevistados disseram que reproduzem costumes em relação à religiosidade, devoção à Virgem de Caacupê, santa paraguaia, bebem “religiosamente” o tereré (servido com água gelada no chifre do boi e com erva-mate grossa), como ressaltou um paraguaio, a “qualquer hora” “o tereré é certo, faz parte do costume do paraguaio”. Além disso, bebem o mate (feito com água quente e erva-mate fina) e o *cosido* (mate doce feito com água quente e açúcar).

Também fazem comidas típicas como a *chipa* (espécie de “pão de queijo” feito com polvilho azedo), *sopa paraguaia* (torta salgada feita de milho, queijo e cebola), o *puchero* (cozido de ossobuco, legumes e mandioca), *bori-bori* (tipo de doce feito de feijão) e o *locro* (prato feito de canjica e carne). Já as músicas de origem paraguaia como a polca a chamamé, a guarânia, e a cachaça foram incorporados aos ritmos brasileiros e já fazem parte de um certo “universo” cultural-musical sul-matogrossense.

A influência da cultura paraguaia é tamanha que há aqueles que defendem, com certo exagero, certa predominância da cultura guarani, especialmente, na região sul do estado, onde as trocas e mesclas culturais na zona de fronteira foram e são ainda hoje muito intensas(SOUZA, 2001). Os paraguaios se constituem, assim, no maior grupo populacional que se deslocou para a região, trazendo e incorporando seus costumes, e trabalhando nas atividades, como já dissemos de exploração da erva-mate, pecuária e prestação de serviços.

Na maioria dos municípios do Mato Grosso do Sul a presença paraguaia marca a paisagem, as cores, os sons, os corpos, os costumes, as representações, a língua e a vivência. Em especial, os municípios situados na zona de fronteira, apresentam as maiores concentrações populacionais de migrantes paraguaios e seus descendentes. Podemos destacar, por exemplo, Campo Grande, Dourados, Aquidauana, Jardim, Bela Vista, Aral Moreira, Amambai e Ponta Porã, dentre outros.

Os paraguaios têm como dia representativo da sua presença em Dourados, 8 de Dezembro, quando é feito uma grande festividade para comemorar o dia da Santa paraguaia, Virgem de Caacupê, em uma relação que conjuga a figura da mãe com a da religiosidade e do nacionalismo, pois, é a “mãe de todos os pueblos de América” com a história do próprio Paraguai pelo forte sentimento de amor à pátria.

O evento é marcado por uma romaria com a realização de missa na Praça Paraguaia e termina com um grande almoço. Há algum tempo que o Padre Teodoro Benitez está à frente desta e de outras celebrações/festividades em que estão envolvidos os paraguaios. Por ter origem paraguaia, o mesmo compartilha da identidade e da cultura de seu povo, e daí que preparar o culto à moda paraguaia, mesclando elementos com a cultura brasileira como ele próprio nos informou, “remete para sua identidade mais profunda aonde lá em casa a gente se reunia com mãe na roda do fogão”, “mas aí aqui nós trouxemos como substrato também da pátria, aqui (...) as cores da bandeira, inclusive na imagem [da Virgem de Caacupê] tem a bandeira” (Padre Teodoro Benitez, Dourados, 20/12/2010).

No entanto, alguns paraguaios com quem conversamos desconhecem ou nunca frequentaram a Associação Paraguaia, o que demonstra que nem

todos participam desse “universo” cultural instituído na cidade de Dourados. Outros alegam que ainda hoje sentem vergonha de revelarem suas raízes e de afirmarem sua identidade devido aos preconceitos sofridos ou por estarem residindo e trabalhando no Brasil de forma ilegal, se recusando, até, a conversar ou conceder entrevistas como aconteceu em alguns casos durante nosso trabalho de campo.

Assim, como já afirmamos, muitos dos costumes da cultura paraguaia foram incorporados ao cotidiano sul-matogrossense. Em Dourados, por exemplo, é relativamente comum ver em padarias e em supermercados a chipa e a sopa paraguaia sendo vendidas. No inverno o *puchero* é consumido por douradenses em festas, em eventos religiosos ou em associações. Contudo, o que é mais representativo da presença paraguaia em Dourados e no estado é o hábito das rodas de tereré em frente às casas. Até mesmo entre os mais jovens, sendo descendentes de paraguaios ou não, a prática é difundida e incorporada ao comportamento diário. Como vivenciamos, parece até que as pessoas do comércio da cidade “param” às dez horas da manhã para beber o mate gelado. Isso coloca o tereré com um geosímbolosignificativo da cultural local-regional, pois, “seja pela manhã ou no final da tarde, faz parte do costume beber o tereré”, como ressaltou o paraguaio Alexandre.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Dourados faz parte desta geograficidade. Devido à proximidade física de aproximadamente 100 km da fronteira seca com o Paraguai, Dourados foi construída por uma trama de redes geográficas que foram modeladoras do território e da identidade regional. De certo modo, podemos dizer que essa porção do Brasil foi “aparaguaiada” pela cultura do país vizinho. Isso se deve, porque a região Centro-Oeste brasileira e, sobretudo, a zona de fronteira, carecia de referências culturais nacionais que ainda eram pouco presentes na construção da identidade nacional brasileira.

O que vemos, então, é uma “fronteira alargada” pelo deslocamento

volátil dos limites culturais, políticos e econômicos para o Mato Grosso do Sul. Essa relação ambígua de aproximação e distanciamento faz parte dessa situação em que transcender “limites nacionais” se torna uma situação de convivência cotidiana nessa zona de fronteira. Na difícil arte de localização dos “limites” entre um e outro país em Dourados, fronteiras, territórios e territorialidades parecem ser circunscritas, pelo menos no âmbito cultural, por uma geografia indefinida, dependente ainda de uma abertura criativa, fecunda, transcultural e transterritorial na relação com o Outro, com a alteridade.

O migrante paraguaio em Dourados vivencia essa condição de ser-não-ser paraguaio. Ao mesmo tempo em que se afirma, essa identidade se contrasta com outras, o que revela diferenças nos processos de territorialização pelas múltiplas redes de amizade, parentesco, trocas comerciais, políticas e aquelas que estão inseridas no trânsito transfronteiriço entre Brasil e Paraguai.

O sentimento de pertencer ao Paraguai e, hoje, ao mesmo tempo, ao Brasil, revela a ambiguidade no sentimento territorial transfronteiriço. A identidade, nesse sentido, passa a incorporar outros territórios de referência cultural, política e econômica que reelaboram o comportamento desses sujeitos. Essa identidade múltipla, meio paraguaia, mas também, meio brasileira, faz parte de movimentos de transculturações – trânsitos culturais – que estes sujeitos desenvolvem com outros grupos sociais. Dourados, nesse sentido, também passou a ser uma referência territorial para estes sujeitos do mesmo modo, embora em outro nível, que o Paraguai é o território de onde parte e transpassa essa territorialidade transfronteiriça.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

CAMPESTRINI, H. GUIMARÃES, A. V. **História de Mato Grosso do Sul**. Mato Grosso do Sul: IHGB, 1995.

CHIAVENATTO, J. J. **Genocídio Americano**: a Guerra do Paraguai. 18 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORRÊA, L. S. **A fronteira na história regional**: o sul de Mato Grosso (1870-1920). Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 1997.

CORRÊA, V. B. Coronéis e bandidos em Mato Grosso 1889-1943. Campo Grande: Editora UFMS, 1995.

GRESSLER, L. A. SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul**: destaque especial ao município de Dourados. Estado: L. A. Gressler, 1988.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EDUFF, 1997.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. EdUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEAL, J. P. **Os homens e as armas**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1980.

LENHARO, A. **Colonização e trabalho no Brasil**: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.

MARTINS, J. de. S. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. Hucitec: São Paulo, 1997.

MONDARDO, M. **Conflitos territoriais entre Guaranis-Kaiowás, paraguaios e “gaúchos”**: a produção de novas territorialidades no Mato Grosso do Sul. (Tese de Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense: Niterói-RJ, 2012.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

SOUZA, J. C. de. **A identidade do migrante paraguaio e de seus descendentes radicados em Dourados (1989-1999)**. Dissertação (Mestrado em História). Dourados: UFMS, 2001.

Recebido em 15/02/2013 - Aprovado em 18/06/2013